

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas
ciências humanas 1 [recurso eletrônico] /
Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-304-0

DOI 10.22533/at.ed.040201908

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I.
Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma tradição, normalmente, pode ser definido como aquilo que se faz por hábito, um legado passado de uma geração para outra. Embora o historiador Hobsbawm tenha chamado atenção em uma obra bastante reconhecida entre historiadores de que as tradições, de maneira geral consistem em retomar “passado histórico apropriado”, em que o senso de continuidade ocupa um valor e uma necessidade centrais, e que, para isso, muitas vezes os diferentes grupos se constituem em torno de falsas noções de continuidade, ou seja, as tradições, podem, muitas vezes serem inventadas, a expressão saberes tradicionais traz consigo um elemento mais amplo do que a noção de continuidade a que nos referíamos acima.

Usualmente, a ideia de saber tradicional é usada para marcar um conjunto de noções e práticas que permeiam as sociedades e grupos e são ligadas, por exemplo, ao reconhecimento de propriedades de plantas, consensos e práticas sociais comuns, valores norteadores que parecem pertencer a uma realidade atemporal, ou seja, estiveram sempre presentes e são reconhecidas por um grande número de pessoas sem ter passado pelo espaço de “validação científica”, que nesse caso, significaria o crivo do método usado pela ciência para chegar em suas conclusões. Isso não significa, que, nos dias atuais não se possa falar de uma espécie de «terreno comum» em que se estabelece um diálogo, uma espécie de entendimento entre as esferas do conhecimento tradicional e do conhecimento contemporâneo, técnico e científico.

Essa troca existe, e é bastante presente, ainda que, nem sempre, essas esferas sejam consideradas de maneira equivalente, uma vez que a “ciência” acaba prevalecendo. Em ciências humanas, nos últimos anos, esse debate se fez cada vez mais presente, dado que o registro, o resgate e o entendimento desses saberes tradicionais sempre esteve na pauta, de uma maneira ou de outra, de seu campo de pesquisa. Nesse caso, o sentido de incompatibilidade não se faz tão presente como em outras tradições científicas. Ainda assim, tem se construído cada vez mais o entendimento de que esse resgate e a ideia de que os saberes tradicionais devam ser pesquisados e referidos, junto com eles chama-se a atenção para que os valores de justiça social, participação popular e sustentabilidade estejam sempre presentes e cada vez mais na pauta do processo de construção dos saberes. Assim, para além de base e fonte, se entende, nas ciências humanas, que há que se dar voz ao saber tradicional, e que o dialogo deste com o conhecimento científico constitui-se enquanto riqueza e multidimensionalidade do mesmo.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A MOBILIZAÇÃO DE PAIS E RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO EFETIVA NOS CONSELHOS ESCOLARES	
Débora Paula Martins da Silva Lenise Patricia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0402019081	
CAPÍTULO 2	7
A PSICOPEDAGOGIA E A NEUROPSICOPEDAGOGIA NA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DA APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Nivaldo Emídio Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0402019082	
CAPÍTULO 3	16
BEM-ESTAR E MAL-ESTAR DOCENTE: UMA ANÁLISE DAS PESQUISAS PUBLICADAS ENTRE 2015 E 2018	
Karolina da Silva Riquelme Flavinês Rebolo	
DOI 10.22533/at.ed.0402019083	
CAPÍTULO 4	27
EDITH STEIN: UMA ANTROPOLOGIA INTEGRAL COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO	
Vitor Vinícios da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0402019084	
CAPÍTULO 5	36
ESCREVENDO A DANÇA: MEMÓRIA, ARTE, ENSINO E CIÊNCIA	
Ana Lígia Trindade Patrícia Kayser Vargas Mangan	
DOI 10.22533/at.ed.0402019085	
CAPÍTULO 6	42
FILOSOFIA: QUEM É A MULHER NESSE CONTEXTO?	
Brasilina Bento da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.0402019086	

CAPÍTULO 7.....	53
FORMAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: O QUE PENSAM OS FUTUROS PROFESSORES?	
Janaina de Azevedo Corenza	
DOI 10.22533/at.ed.0402019087	
CAPÍTULO 8.....	65
LEITURA NA ESCOLA: UM ESTUDO COMPARATIVO	
Rosely Ribeiro Lima	
Valéria Ribeiro Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.0402019088	
CAPÍTULO 9.....	74
MUSEU E ESCOLA, CONSTRUÇÃO COLETIVA PARA A PERMANÊNCIA DA MEMÓRIA, COM ÊNFASE NA FUNÇÃO DO OBJETO MUSEAL	
Maria Augusta de Castilho	
Maria Christina de Lima Félix Santos	
Melly Fátima Góes Sena	
DOI 10.22533/at.ed.0402019089	
CAPÍTULO 10.....	85
O CONCEITO DE IMAGINAÇÃO EM VIGOTSKI	
Thais de Sá Gomes Novaes	
Letícia Maria Montoia Gonçalves	
Letícia Busquim Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.04020190810	
CAPÍTULO 11.....	91
PEDAGOGIAS QUE CURAM COM OS/AS PESCADORES/AS ARTESANAIS DE ITAPISSUMA	
Talita Maria Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.04020190811	
CAPÍTULO 12.....	102
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E OS PRESSUPOSTOS DE STEPHEN BALL	
Taiani Vicentini	
Adolfo Ramos Lamar	
DOI 10.22533/at.ed.04020190812	

CAPÍTULO 13.....	110
VOZES EM DISPUTA: EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E PARTICIPAÇÃO	
Suelen Alves dos Santos	
Leônidas Daniel Paulino	
DOI 10.22533/at.ed.04020190813	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	122
ÍNDICE REMISSIVO.....	123

CAPÍTULO 4

EDITH STEIN: UMA ANTROPOLOGIA INTEGRAL COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO

Data de aceite: 01/08/2020

Vitor Vinicios da Silva
(ISTA/MG)

Titulação: Graduado em Filosofia.

Faculdade: Instituto Santo Tomás de Aquino.

Fonte de financiamento: Instituto Santo Tomás de Aquino.

RESUMO: Com o advento da modernidade há uma ruptura do sistema heterônomo (normativo) para uma estrutura autônoma, onde não sustenta mais um fundamento último. Assim, o télos humano se dissolve na construção de um novo edifício da modernidade. Torna-se um terreno riscoso e emerge a necessidade de uma nova ontologia do ser, de um télos que oriente o ser humano a obter um novo sentido. Destarte, é necessário retomarmos uma das mais altas indagações filosóficas: O que é o homem? Para, assim, resgatar e conhecer o télos a que se orienta sua natureza e criar respostas para compreender as múltiplas formas de violências que imperam no solo da atualidade. Nessa busca por respostas apontamos para a antropologia da pensadora Edith Stein (1891 -1942), que por meio da fenomenologia apresenta uma antropologia integral em respostas às antropologias reducionistas das ciências novas. A antropologia steniiana compreende o ser humano em três dimensões: corpo, psique e espírito, sendo elas intrinsicamente integradas. Essa é capaz de abarcar a estrutura essencial do ser, de mergulhar na profundidade do sujeito tal como ele vivência seu interior. Na busca por essa

nova resposta as indagações de seu tempo sua antropologia converge para uma pedagogia, ou seja, para a formação dos seres humanos. Essa pedagogia terá como guia o estímulo à aceitação, ao pertencimento da alteridade na comunidade. Portanto, mergulhados nesse desafio à contribuição de Edith Stein se torna extremamente preciosa, pois busca entender o que nós somos, o que devemos ser e como devemos agir.

PALAVRAS CHAVES: antropologia. educação. comunidade.

ABSTRACT: With the advent of modernity there is a rupture of the heteronomous (normative) system to an autonomous structure, where it no longer supports a last foundation. Thus, the human télos dissolves in the construction of a new modernity building. It becomes a riscoso field and emerge the need of a new ontology of the being, of a télos that guides the human being to obtain a new sense. Hence it is necessary to take up one of the highest philosophical questions: What is man? In order to recover and know the télos to which its nature is oriented and create answers to understand the multiple forms of violence that prevail in the soil of the present time. In this search for answers we point to the anthropology of the thinker Edith Stein (1891-1942), who through phenomenology presents an integral anthropology in response to the reductionist anthropologies of the new sciences. Stengian anthropology comprises the human being in three dimensions: body, psyche and spirit, and they are intrinsically integrated. It is capable of embracing the essential structure of being, of delving into the depth of the subject as it experiences its interior. In the search for this new answer the questions of his time

his anthropology converges to a pedagogy, that is, to the formation of human beings. This pedagogy will have as its guide the stimulus to acceptance, to the belonging of otherness in the community. Therefore, immersed in this challenge to the contribution of Edith Stein becomes extremely precious, because it seeks to understand what we are, what we should be and how we should act.

KEYWORDS: anthropology. education. community.

1 | MODERNIDADE: UM NOVO PROJETO

É sabido, convencionalmente, que o pensamento moderno é conhecido entre os séculos XVII – XIX (MARCONDES, 1997, p.139). Pensamento, esse, que desponta como um novo projeto ocidental, em que, manifesta-se uma nova ideia de autonomia interpretativa, de atribuição de valores aos objetos ou fenômenos que lhe toca a sensibilidade, e outras mais. Esse novo edifício moderno, no sentido histórico filosófico, nos remete ordinariamente a uma ideia de filosofia moderna, o período em que se inicia depois do Renascimento, a partir do século XVII. O moderno ou a modernidade começa a ser associada há um arcabouço de termos, assumindo uma identidade subjetiva tendo em vista um novo projeto para a humanidade, que consiste num significado positivo.

O moderno, ou melhor, a modernidade, costuma ser associada a alguns termos-chave como razão, ciência, técnica, progresso, emancipação, sujeito, historicismo, metafísica, niilismo, secularização (verbetes relativos). Termos que, para aqueles que se situam na modernidade, assumindo seu ponto de vista, têm um significado positivo [...] (ABBAGNANO,2012, p. 791).

Todavia, esse termo assenta-se em terreno ríscoso, em termos vagos, pois é, ao mesmo tempo, complexo e possui uma gama de sentidos, não conseguindo, assim, abarcar seu significado por inteiro. Desse modo, não temos a pretensão de perscrutar todas as suas definições e indefinições, nosso objetivo é apresentar nosso maior escopo que é a antropologia steniana, ou seja, uma resposta aos grandes desafios que a modernidade promoveu, por exemplo, a perda do *télos* humano, o aniquilamento da alteridade e outros mais.

Intrínseco a esse novo projeto moderno houve-se uma ruptura de um mundo heterônomo (visão normativa – o mundo da *Phisys* dos gregos permeado por uma ordem geométrica invariável) para um mundo autônomo (não necessita de um fundamento último - o próprio homem é o fundamento (SOUZA,2005). Assim, torna-se como ideia central, da modernidade, o progresso da razão, em outras palavras, a convicção de que a razão o levará a uma resignação do mundo e do ser. Dessa maneira, há uma negação do *télos* das coisas, não existe mais um fim, mas há um desligamento desse pensamento à medida que a ciência progride.

Todavia, a casualidade final passa por um rigoroso exame crítico na idade moderna. Existe uma espécie de indeterminação do fim ou *télos* das coisas. Assim, se desejamos obter a certeza do conhecimento, é preciso que nos livremos dos fins e, conseqüentemente, abandonemos a questão do bem. Quanto mais a ciência moderna se desenvolveu, mais o homem foi cortando seus laços com a filosofia e com a teologia. (SOUZA, 2005, p.85)

2 | AS NOVAS CIÊNCIAS

Entusiasmado por todo esse pensamento moderno ergue-se sobre o pensamento ocidental, as novas ciências. Dentre essas, duas correntes tiveram como fito o fundamento de todo saber científico, sendo elas a filosofia positivista, cunhada e desenvolvida pelo pensador Isidore – Auguste-Marie-Xavier Comte (1798 – 1857) que presumia fazer uma revolução no pensamento ocidental e a denominada psicologia experimental. Essa sofre influência do empirismo quando reconhece que o intelecto só pode conhecer o mundo que nos cerca através das sensações do corpo que se transformará em sensações da mente, sendo essa conhecida como psicologismo.

[...] Este termo tem origem no séc. XIX; designa em primeiro lugar qualquer filosofia que assume como fundamento os dados da consciência, como reflexão do homem sobre si mesmo [...] Desse ponto de vista, a psicologia, como descrição da experiência interna, torna-se a única filosofia possível. (ABBAGNANO, 2012, p. 811).

Tanto uma quanto a outra são frutos de uma grande transformação ocorrida no decurso do pensamento ocidental. Essa transformação será conhecida como “Revolução científica”, isto é, o momento, em que a ciência deixa de ser contemplativa, ciência dos antigos, para se tornar uma ciência ativa, dos modernos. Essa ciência ativa rompe com a separação antiga entre a ciência (episteme), o saber teórico, e a técnica (*téchne*), o saber aplicado, integrando ciência e técnica e fazendo com que problemas práticos no campo da técnica levem a desenvolvimentos científicos. (MARCONDES, 1997, p.151)

Assim, temos no século XIX o triunfo do cientificismo, que reconhece apenas a natureza material, ou seja, está embasada na certeza rigorosa dos fatos. Além do que, se reconhecesse como a única fonte explicável do mundo, seja ele dos valores ou dos fatos. Mas, a grande novidade dessa corrente vai mais além, pois postula à crença de submeter todo o conhecimento humano as leis desse novo método.

3 | CRÍTICA AS ANTROPOLOGIAS NATURAIS

Em meio a efervescência dessas novas ciências a pensadora alemã Edith Stein. (1891 -1942) se inquietou com o esteio do pensamento moderno, isto é, as visões que se formaram a partir das novas ciências modernas, mais especificamente, com as visões antropológicas. Essas antropologias são dadas como insuficientes, pois não são capazes de abarcar o homem na sua total complexidade. Por longos anos, segundo Stein, a palavra antropologia foi relacionada como parte de uma ciência natural, sendo vista como uma ciência auxiliadora da medicina, que é uma ciência que “estudia al hombre como espécie, al igual que la zoologia estudia las espécies animales” (STEIN,1998, p.31). Assim, a antropologia natural, a priori, criou-se uma imagem descritiva do homem, isto é, a estrutura do corpo humano, suas funções e suas peculiaridades. Logo, determinando o homem numa unidade, dita como espécie, e passa-se a investigar na multiplicidade de homens a sua diferença entre os muitos. Após essa visão morfológica passamos a uma visão histórica e evolutiva do homem. Nesse passo seguinte são analisados as leis universais e o processo de evolução do homem, que busca determinar quando o homem surgiu no solo

terrestre. Contudo, essa antropologia da ciência natural não é o fundamento pedagógico que Stein procura para seu pensamento. Stein reconhece a validade de se “conocer la estructura, las funciones y las leyes evolutivas del cuerpo humano” (Stein, 1998, p. 33) e do “conocimiento de los grupos humanos, de los pueblos, e etc.” (STEIN, 1998, p.33), porém essas antropologias não conseguem servir de fundamento para uma pedagogia steiniana, por dois motivos: o primeiro é que a antropologia natural ocupa-se do indivíduo como um exemplar da espécie humana, ou seja, não se vê sua característica individual, assim, é inevitável obter uma mal interpretação do homem. O educador deve tratar o “indivíduo como este hombre con su irrepetible modo de ser próprio, y no como ejemplar de um tipo” (STEIN, 1998, p. 34), já o outro ponto é que a antropologia não deve ter obrigação apenas com o indivíduo, mas com as “unidades suprapersonales” (STEIN, 1998), ou seja, tribos, povos, pois cada homem concreto pertence a uma dessas unidades. Mas, como já visto nas ciências naturais não existe essa obrigação.

Para a filósofa há uma formulação de uma ideia reducionista do ser humano, ele é visto apenas como um mero objeto para as ciências naturais. Nessa ótica os sentimentos complexos de sensações orgânicas, o que equivale a considerar as vivências de consciência do sujeito, são dadas como efeito de causas materiais (RUS, 2015, p.28), assim, denominaremos como uma visão reducionista do ser humano, pois o delimita à apenas uma dimensão. Frente a esse pensamento, Stein nos convida a retomarmos uma das mais altas indagações filosóficas: *O que é o homem? O que o distingue dos demais seres vivos?* Para, assim, resgatar e conhecer o *télos* a que se orienta sua natureza e criar respostas para tal e, dessa maneira, apontar novos caminhos ou alternativas para sanar uma cultura de intolerância e da negação da alteridade.

4 | MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Tendo já um fim, Edith Stein necessita de um caminho para chegar à resposta que tanto procura. Ao mesmo tempo, há conjuntamente com essas novas ciências uma florescência de novos pensadores e correntes filosóficas, que, não muito diferente da pensadora, buscam novos caminhos a serem seguidos. Em fase dessas várias correntes, se apresentam dentre elas, o racionalismo (Descartes 1546 – 1650, Leibniz 1646-1716), o empirismo (Locke 1632-1704), o idealismo alemão (Fichte 1762 -1814) e a Escola Fenomenológica com o filósofo Edmund Husserl (1859 – 1938), que como um grande admirador das ciências exatas procurou fazer da filosofia uma ciência rigorosa, colocando como tarefa a busca por uma nova fundamentação última da filosofia, decisiva para o futuro. (HUSSERL, 2002, p.19).

Em conformidade com esse mesmo pensamento, que Stein torna-se aluna do filósofo Husserl elegendo, assim, seu Método fenomenológico como caminho para responder sua maior indagação. Ao eleger o caminho, afirma: “El método con el cual trataré de solucionar los problemas es el fenomenológico. Es decir, el método que E. Husserl elaboró y empleó por primeira vez em tomo II de sus Investigaciones lógicas.” (Stein, 1998, p.49). Assim, tendo como mestre Husserl, exímio pensador, que também com seu método buscou “a fundamentação última no anseio de reorientar os caminhos errôneos tomados por essas ciências naturais” (HUSSERL, 2002, p.19), a filósofa toca no âmago da questão ao ir além de seu mestre, pois entende o método de uma forma singular, ou seja, acredita que o ser

humano não se pode reduzir a apenas ao plano gnosiológico, pois o “eu” é um “eu” que vive, que sente, que pensa, ou seja, é cercado de experiências

Assim, contrariamente à tendência de Husserl de fazer abstração de tudo que há de concreto e de pessoal, Stein na sua reflexão não “fixa apenas no Eu puro¹, mas mostra-se intensamente atenta a profundidade do sujeito tal como ele se experimenta e se vivencia realmente no interior” (RUS, 2015, p.30). Dado esse novo método filosófico denominado como fenomenologia, formamos terreno para nosso fito primordial que é a antropologia steniana.

5 | ANTROPOLOGIA STENIANA

É fato que as antropologias construídas até então, segundo Stein, não abarcam a profundidade do ser humano, caindo, assim, na superficialidade. Todas essas visões de homens construídas pelas ciências naturais, isto é, a visão de homem no idealismo alemão, na psicologia experimental, no positivismo, enfim, todas elas cometem o equívoco de reduzir o homem apenas a tipos morfológicos, históricos e evolutivos, que culminam numa classificação de raças, tribos e outros. Enquadrando também nesse âmbito a uma crítica da filósofa direcionada a visão de homem na filosofia de Heidegger que, segundo Edith Stein, não há um fim a não ser o ser mesmo, permanecendo-se no nada. “[...] Pero no le há sido señalado ningún outro fin que ser él mismo y perseverar en la nada de su ser” (STEIN, 1998, p. 13). Com efeito, Stein conclui que há uma insuficiência nas antropologias que tomam como base as ciências naturais [...] uma visão racionalista, levando em conta apenas o desenvolvimento intelectual da pessoa, reduzindo ou mutilando justamente o terreno da experiência pessoal. (ZILLES, p.372,2017).

A grande indagação de Edith Stein é: “Esta Ciência natural, Morfológico-descriptiva y causal-explicativa? es acaso la antropologia que buscamos como fundamento de la pedagogia? (STEIN, 1998 p.32). Não, pois segundo ela

“[...] una antropologia que proceda conforme al método de la ciência natural no puede responder. Pues para decidir qué atención merecem el individuo, la raza y la humanidad em sus relaciones mútuas es preciso um critério valorativo”. (STEIN, 1998, p. 35).

Diante de todas essas antropologias Stein percebe o limite do conhecimento que tem como base o mundo material, ou seja, que caminha (método) por meio das leis universais não sendo, assim, fiel as peculiaridades de cada indivíduo. A grande indagação feita pela filósofa é realmente una vía de conocimiento que conduzca a la captación de la individualidade [...] (STEIN, 1998, p.37).

Stein, em busca dessa resposta, chega a uma antropologia do espírito, “una ciencia del hombre como persona espiritual [...] que estudia la estructura de todas las realidades espirituales, como son la comunidade, el Estado, el Derecho, etc. Esta antropologia es de outra índole que la científico – natural de la que partimos” (STEIN, 1998, p. 41)

Essa visão antropológica de Stein é integral, compreendida num todo em três

1. “O eu que se experimenta não é o Eu puro, pois o Eu puro não tem profundidade” – Le problème de l'empathie, p. 161. Edith Stein lembra o que é o Eu puro para Husserl: “o puro sujeito de seus atos, sem propriedades humanas. A pessoa mesma, com suas qualidades, seu destino etc., pertence, como as outras pessoas, ao mundo que se constitui em certos atos do sujeito” – La signification de la phénoménologie, p. 12.

extratos: corpo, psique e espírito, que estão intimamente ligados. Assim sendo, fazer-se cego para essa tripartição-unitária é cair na mesmice das ciências naturais.

Dentro dessa ótica, constrói sua antropologia que nos leva a compreender a individualidade humana, e outras palavras, o indivíduo na sua singularidade. Já embrenhados no pensamento steniano apontemos sua concepção de pessoa humana como um ser constituído unitariamente por três extratos, o que já havia sido constatada pelos filósofos gregos, principalmente por Platão e Aristóteles (ZILLES, p. 371, 2017). Contudo, as mesmas são aprofundadas de maneira integrada pela filosofia fenomenológica steniana.

6 I A ESTRUTURA HUMANA SEGUNDO STEIN: CORPO, PSIQUE E ESPÍRITO

Como já dito, a pensadora compreende o homem composto por uma estrutura, sendo essa composta por: corpo, alma e espírito. O homem como corpo é visto como tudo e qualquer matéria que existe, não sendo, num primeiro momento, diferente das outras matérias que aparecem. Desse modo, conhecemos o homem por meio daquilo que se expressa como característica externa, quer dizer, altura, cor dos olhos, cabelo e outros, “por su constitucion corporal el hombre es una cosa material como cualquier otra, está sometido a las mismas leyes y está inscrito en el marco de la naturaleza material” (STEIN, p. 51, 1998).

Porém, o homem extrapola essa dimensão apenas material, pois não é um corpo qualquer como os demais, isto é, não o vemos como apenas um corpo material semelhante a uma pedra, por exemplo, mas é algo também vivo, em que, pode mover-se, sentir e outros. Assim, vemo-lo como corpo físico (*körper*) e como corpo próprio/vivenciado (*Leib*) os quais compõe a dimensão material” (ALFIERE, p.63,2014).

Já o extrato da psique tanto o animal como o ser humano têm uma vida psíquica (ALFIERE,2014, p. 67). O animal sente prazer e desprazer, o homem também, o animal sente dor e o homem também, desse jeito, tanto o homem como o animal são permeados por comportamentos psíquicos. Esses atos podemos denominar como “impulso, dos instintos e das reações” (ALES BELLO, 2006, p.39), que são as sensações e emoções, tanto da alma humana como da alma animal. É válido aqui identificarmos que ter alma para Edith Stein:

“quiere decir posar un centro interior, em el que se percebe como entrechoca todo lo que viene de fuera, y del que procede cuando se manifiesta em la conducta del cuerpo com proveniente de dentro. Se trata de um punto de intercambio, em que impactan los estímulos u del que salen las respuestas” (STEIN, 1998, p.81)

Mas, o ser humano se distingue dos demais animais, pois não tem apenas uma abertura sensitiva. O homem não é submisso às manifestações psíquicas, encontramos na alma humana qualidade acima da dimensão psíquica, ou seja, potencialidades. Encontremos na alma humana outras qualidades que completem a descrição da sua especificidade (ALFIERE, 2014, p. 67). Trata-se do espírito, o homem se difere, dos demais animais, no âmbito do espírito, porém devemos expurgar de nossa compreensão a conotação religiosa do termo, visto que espírito é aquilo que “ordena el material sensible em una estructura

y, al hacerlo, penetra con su mirada en el interior de um mundo de objetos, se denomina entendimiento, o intelecto” (STEIN, 1998, p.146).

É esse extrato que possibilita a pessoa humana ser capaz de refletir e de mudar de direção, em outras palavras, ser um anímico espiritual. Esse é o lugar, onde o núcleo descansa, tem seu lugar próprio, e é nesse lugar que a pessoa humana deve adentrar para tomar decisões, refletir, é o lugar de encontrar-se por inteiro: “Solamente desde él puede el alma adoptar decisiones importantes, tomar partido por algo o hacer donación de sí misma” (Stein, 1998, p. 155)

O espírito, para Stein, é aquele que ordena a matéria, é aquele que com sua vida intencional mira a matéria a partir da sua primeira atividade que é a percepção sensível. Edith Stein denomina o espírito como “entendimento, o intelecto” (STEIN, 1998, p. 146), é aquele que é capaz de experimentar tudo aquilo que provém da vida material. Com o espírito o ser humano é capaz de apreender o fenômeno que parece dar possibilidade ao indivíduo e liberdade de escolha.

7 | UMA ANTROPOLOGIA COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO

Nessa compreensão é necessário clarificarmos a intrínseca ligação entre ser humano e educação (ou pedagogia), pois como dito acima, Stein buscava uma antropologia que fosse fundamento para pedagogia. A ideia de ser humano proposta pela autora é fundamento para o labor educativo, ou seja, para a ciência da educação. Esse pensamento é “por uma razão bastante simples: a educação é aquilo que põe em marcha, de maneira exemplar, a edificação da pessoa e a manifestação do seu sentido de seu ser (RUS, 2015, p.31). Ao falarmos de educação referimos a “[...] formação dos seres humanos e pressupomos um certo modelo ou ideal a construir seu lugar no mundo. (ZILLES p. 370, 2017). Dessa maneira, a imagem de homem que construímos é crucial para formação do mesmo, ou seja, para sua construção de valores e atuação no mundo em que vive. Assim, afirma Zilles:

“O ideal de humanidade, para a pedagoga Edith Stein, representa uma meta à qual pretende conduzir o educando, despertando e desenvolvendo suas energias individuais, em busca de seu lugar no seu povo e na humanidade, para contribuir na criação do espírito e da cultura” (ZILLES, 2017, p. 374)

Nesta perspectiva entender o ser humano nos leva, conseqüentemente, a entender o terreno, em que se situa o mesmo nos dias atuais. Ora, os desafios que batem a nossa porta são derivações de um processo de constituição do ser humano. Pretender sanar os desafios atuais é, indubitavelmente, voltarmos o olhar para o terreno que o ser humano se forma. O desenvolvimento da pessoa humana depende das condições externas que o permeiam, pois é aquilo que podemos entender como alimento ou estímulo humano, ou seja, são fatores que auxiliam no desenvolvimento. São as denominadas condições ou estímulo para o desenvolvimento interno e externo da pessoa. A semelhança de Edith Stein é uma relação de estímulo – respostas (Stein, 1998, p. 139). Em outras palavras, “en el desarrollo orgánico, las condiciones materiales – suelo, clima, etc, - son determinates, junto a otros factores, para la concreción de la forma. (STEIN, 1998, p. 139).

Para responder a essa pluridiversidade cultural apontamos para o pensamento da

filosofa e teóloga Edith Stein. Para tanto, segundo Stein, é necessário retomarmos esse *télos* da humanidade, dado que todos os seres humanos têm as mesmas raízes, se dirigem a um mesmo fim e estão implicados nesse mesmo *télos*. Além disso, os seres humanos têm uma co-pertência que transcende o tempo e espaço, diferentemente dos animais. O ser humano, distintivamente, dos animais, não está pré-determinado, tem uma múltipla possibilidade de ser. Logo, podemos afirmar que essa grande indagação: *o que é o ser humano?* É o grande eixo que constitui toda obra steiniana e que nos leva a compreender as múltiplas formas de violências que imperam no solo dos dias atuais.

É imperativo que busquemos novas portas para responder os gritos que ecoam na sociedade moderna. Necessitamos de um labor educativo que estimule a aceitação, ou melhor, a co-pertência da alteridade na comunidade. Formarmos seres humanos numa perspectiva intolerante é torná-los seres vivos atrofiados, como nos indica Stein:

Los perros mansos y los gatos que viven encerrados em uma casa y reciben su comida sin tener que buscarla por si mismo, no pueden expresar sus instintos de animales de presa. De igual manera, las capacidades del hombre que no encuentran ocasión para actualizarse pueden quedar atrofiadas. (STEIN, 1998, p.140)

Por conseguinte, é tarefa também da antropologia, embasada no espírito, se perguntar: “en que relación se encuentra el hombre individual com las coletividades a las que pertenece” (STEIN, 1998, p.42). Assim, a filósofa alemã acredita que a organização que respeite a pessoa e permita que se torne seres íntegros seja a comunidade (ALES BELLO, 2006, p.73). Essa comunidade é caracterizada por assumir responsabilidades recíprocas, ou seja, almejando um mesmo fim num projeto em comum. Neste contexto de comunidade podemos ver um projeto em comum a partir de uma união de pessoas, em que respeita a individualidade de cada indivíduo, [...] como um lugar de movimento individual e, assim, de construção de uma nova personalidade que é a comunidade (ALES BELLO, 2006, p.72). Sendo assim, é nesse viés que podemos construir um terreno fértil, em que respeite a diferença na cor, no gênero, na etnia, na orientação sexual, na religião, na cultura e na posição política.

Portanto, mergulhados nesse imenso terreno de incertezas e desafios, em que, nossa esperança é fragilizada pelos diferentes impasses que enfrentamos, a contribuição de Edith Stein se torna extremamente preciosa, pois busca entender o que nós somos, o que devemos ser e como devemos agir.

“A educação é a arte suprema cujo material não é nem a madeira nem a pedra, mas a alma humana (...) É vida interior que é o fundamento último; a formação se faz do interior para o exterior.”

Edith Stein

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, Angela. **Introdução à fenomenologia**. Bauru, São Paulo: Edusc,2006.

ALFIERE, Francesco. **Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica**. São Paulo: Perspectiva,2014.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**; introd. e trad. Urbano Zilles. 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS,2002.

MAHFOUD, Miguel; SAVIAN, Juvenal F. (orgs). **Diálogos com Edith: filosofia, psicologia, educação**. São Paulo: Paulus, 2017.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1997.

RUS, Éric de. **A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral**. Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2015.

SOUZA, José C. Aguiar de. **O projeto da modernidade: autonomia, secularização e novas perspectivas**. Brasília: Liber Livro Editora,2005.

STEIN, Edith. **La estrutura de la persona humana**, trad. de José Marcadomingo. Madrid: BAC,1998.

ÍNDICE

A

Aluno 19, 20, 22, 23, 25, 77, 92

Antropologia 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 68, 112

B

Bem-Estar Docente 28, 29

C

Comunidade 14, 16, 17, 18, 39, 43, 46, 72, 73, 90, 91, 94, 103, 106, 108, 109, 122, 125, 127, 128

Conhecimentos Artesanais 103, 106, 110

Conselho 13, 18, 67, 89, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133

Conselho Escolar 13, 14, 15, 16, 17, 18

Currículo 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 114, 115, 118, 120

D

Dança 48, 49, 50, 51, 52, 53

E

Educação 13, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 105, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Ensino Formal/Informal 48

Epistemologia Política 114, 115

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 42, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 78, 84, 86, 87, 92, 93, 94, 107, 131, 132

Estado do Conhecimento 28, 29, 38

Estágio Supervisionado 13, 17, 18

F

Feminismo 54, 55, 60, 61, 63, 64

Filosofia 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 54, 55

Formação Continuada 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Formação Docente 34, 65, 75

G

Gênero 46, 54, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 71, 124

Gestão Democrática 13, 14, 15, 16, 17, 18

I

Imaginação 97, 98, 99, 100, 101, 102

Infância 25, 97, 98, 101, 102, 107, 108, 109

L

Lei 10.639/2003 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Leitura 52, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 91, 92, 95, 98

Lutas 62, 66, 103, 104, 106, 109, 110, 124, 128, 129, 130, 132

M

Mal-Estar Docente 26, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37

Memória 48, 49, 50, 52, 53, 74, 80, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 106, 109, 110, 123

Movimentos Sociais Negros 122

Mulheres 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 106, 109, 111

Museu 29, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

N

Neuropsicopedagogia 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27

O

Objeto Museal 86, 91, 92, 93

P

Participação Social 122, 124

Pedagogia 18, 19, 20, 22, 23, 24, 39, 42, 45, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 75, 77, 91, 95, 97, 103, 106, 107, 109, 110, 112

Pesquisa 15, 17, 18, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 48, 51, 52, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 103, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 126, 129, 131, 132

Políticas Educacionais 114, 115, 116, 117, 119, 120

Professor 20, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 66, 69, 77, 87, 95, 102, 115, 118, 119, 120

Projeto de Intervenção 13, 15, 17

Psicopedagogia 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27

Q

Quilombolas 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

R

Representações Sociais 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85

S

Sexismo 54

Stephen J. Ball 114, 115, 116, 120, 121

T

Teoria Histórico-Cultural 97, 98, 102

Trabalho Docente 28, 30, 31, 38

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](#) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 